

Telejornalismo: estratégias de reconfiguração de uma mesma notícia

Vanessa Cristina Backes

Mestra; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
backes.vanessa@gmail.com

Elizabeth Bastos Duarte

Doutora; Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.
bebethb@terra.com.br

Resumo

Ao longo do dia, diferentes telejornais da TV Globo veiculam, de maneira muitas vezes insistente e exaustiva, notícias sobre os mesmos acontecimentos. Ora, para uma audiência assídua, essa repetição de assuntos, o dia inteiro, pode ter sua necessidade questionada, além de se tornar bastante cansativa. Dessa maneira, o presente trabalho propõe-se a examinar o processo de reconfiguração de notícias sobre os mesmos acontecimentos, veiculadas em cinco telejornais da TV Globo ao longo de 24 horas. Interessa, particularmente, a análise do modo de operação dos dispositivos discursivos de tematização, figurativização, actorialização, espacialização, temporalização e tonalização no processo de conformação das notícias sobre dois diferentes acontecimentos, veiculadas em cinco telejornais – Hora 1 da Notícia, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo – no período de 24 horas. Compete verificar como ocorre a manipulação dos dispositivos discursivos que conferem sentido de atualidade aos temas veiculados reiteradamente. A organização teórico-metodológica fundamenta-se em uma semiótica discursiva de inspiração europeia baseada em Saussure (2012), Hjelmslev (2013) e Greimas e Courtés (2016). Além disso, a investigação engloba autores que tratam, especificamente, da produção televisual. Os resultados obtidos revelam a existência de, pelo menos, três processos de reconfiguração dos elementos discursivos na conformação de notícias sobre os mesmos acontecimentos: (1) complexificação dos dispositivos discursivos; (2) estabilização dos dispositivos discursivos e (3) reprise/reapresentação das mesmas conformações discursivas, demonstrando uma rotina de produção jornalística baseada no reaproveitamento de materiais captados que são reutilizados para compor as narrativas sobre determinados acontecimentos.

Palavras-chave

Semiótica. Telejornalismo. Repetição de notícias.

1 Introdução

Uma das funções normalmente atribuída à televisão é a informativa. E, realmente, um telespectador que passe um dia inteiro em frente à televisão entra em contato com uma grande quantidade de informações, pois a televisão aberta veicula, sob forma de emissões, inúmeros programas de caráter informativo – noticiários breves, telejornais, entrevistas, documentários. As notícias são, assim, fragmentos dessas emissões, construídas a partir da ocorrência de acontecimentos, e, conseqüentemente, da cobertura desses eventos, de modo a alimentar essa intensa programação de caráter informativo e sustentar sua permanente veiculação.

A notícia é, na perspectiva deste trabalho, a transformação de um acontecimento em discurso midiático. Essa operação, nada inocente aliás, implica a recorrência a inúmeras estratégias discursivas que subtraíam a banalidade e a mesmice dos fatos, e os revistam de um caráter de ineditismo, especialidade, diferença. Trata-se de uma tarefa bastante complexa que exige competência e destreza no tratamento e articulação das linguagens convocadas para a sua expressão.

No caso da televisão, essa tarefa se complexifica ainda mais, porque esses acontecimentos, em se fazendo notícia, são retomados, repetidos, reiterados, complementados de um noticiário a outro, até o seu esgotamento. Além disso, há que se considerar a lógica de produção industrial que rege o mercado televisual brasileiro e o grande número de telejornais ofertados pelas grades de programação das emissoras, muitas vezes sem que as equipes de produção tenham o número suficiente de profissionais para comportar tamanha demanda por novos conteúdos. Essa realidade mercadológica contribui para que o telespectador tenha que assistir repetidas vezes às mesmas informações ao longo da programação de um dado canal. Sim, porque um determinado fato/acontecimento pode ser noticiado ao longo de um dia inteiro, e, ainda assim, quando o último telejornal da grade de programação for exibido naquele dia, ser novamente noticiado e atualizado. Essa insistente repetição é prática comum nas emissoras de televisão que se aproveitam de inúmeros espaços, até mesmo dos intervalos comerciais, para veiculá-los.

Assim, a justificativa para a realização deste trabalho é a observância da necessidade de investigação das diferenças entre as notícias que apresentam novidades, daquelas que são revestidas de efeitos de sentido de novidade, mas se tratam de repetições reconfiguradas de tal forma que sua reiteração não seja demasiadamente percebida ou se torne exaustiva para o telespectador.

Dessa maneira, na tentativa de compreender as estratégias utilizadas pelos telejornais para interagir com o telespectador, o presente trabalho investiga o processo de reconfiguração de notícias sobre dois diferentes acontecimentos. Para tanto, faz-se a seleção dos textos televisuais veiculados nas emissões de cinco telejornais da TV Globo exibidos em rede nacional – Hora 1 da Notícia (H1), Bom Dia Brasil (BDB), Jornal Hoje (JH), Jornal Nacional (JN) e Jornal da Globo (JG). Em um período de 24 horas de programação, são comparadas as conformações das notícias que narram os mesmos acontecimentos. A análise dedica especial atenção às articulações, realizadas pelos telejornais, dos dispositivos discursivos de tematização, figurativização, actorialização, espacialização, temporalização e tonalização, com o intuito de impregnar de sentido de novidade notícias sobre temas já abordados, e muitas vezes esgotados, em telejornais anteriores.

A escolha de tais telejornais da TV Globo enquanto objetos do presente estudo se justifica pelos expressivos resultados obtidos por esses programas no que concerne à audiência. De acordo com dados apresentados pela Pesquisa Brasileira de Mídia em 2016 (SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2016), 63% dos brasileiros consultados disseram consumir programas como os telejornais com o intuito de se informarem sobre acontecimentos do país e do mundo. Além disso, 56% desses telespectadores responderam preferir os telejornais da TV Globo.

Cabe ressaltar ainda que o presente artigo expõe parte das conclusões de uma pesquisa maior, desenvolvida pelas autoras no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria entre os anos 2016, 2017 e 2018, intitulada: Telejornalismo: diferentes reconfigurações da notícia (BACKES, 2018).

2 Telejornalismo

Os telejornais, do ponto de vista da semiótica discursiva de inspiração europeia, constituem-se em textos abertos maiores, sem prazo fixo para o seu término, frutos da relação de interdependência contraída entre seus dois planos, expressão e conteúdo. Esse

tipo de programa televisual, conformado através da composição de imagens em movimento e sons, é distribuído na grade de programação a partir do critério da serialidade, o que faz com que seja apresentado sob forma de edições diárias (DUARTE, 2012). Cada edição, por sua vez, é constituída por diferentes notícias, unidades menores do telejornal, comportando, em seus textos, as narrativas de diferentes acontecimentos.

Assim, a emissão de um telejornal é definida por Fachine (2008) como um enunciado englobante – o todo representado pela edição do programa – que articula, por meio de atores discursivos (apresentadores, repórteres, comentaristas, etc.), um conjunto de outros enunciados englobados – as notícias, unidades informativas autônomas que mantêm uma interdependência entre si provocada pelo nível enunciativo superior que as engloba. Dessa maneira, os telejornais estruturam-se semântica e sintaticamente de tal forma que o enunciado englobante constitua-se como um padrão de fácil identificação pelo telespectador, variando, a cada exibição, os seus enunciados englobados.

De modo geral, os telejornais estruturam-se internamente de maneira bastante semelhante entre si. A partir do estúdio, são proferidas as falas dos âncoras e apresentadores, sucedidas pela veiculação de reportagens, entradas ao vivo de repórteres, participação de correspondentes, enviados especiais e comentaristas. As edições dos telejornais dividem-se em blocos com duração de tempo predefinida e separados por intervalos publicitários e promocionais. Sempre que um bloco chega ao fim, o telespectador é alertado sobre os assuntos que podem ser de interesse no bloco seguinte. E, assim, realizam-se diferentes operações que articulam os dispositivos discursivos de actorialização, temporalização, e espacialização (GREIMAS; COURTÉS, 2016), além do dispositivo discursivo de tonalização (DUARTE, 2007), com o intuito de cativar a audiência e manter o interesse do telespectador até o final do programa.

O telejornal, subgênero de programa pertencente ao gênero factual (DUARTE; CASTRO, 2014), caracteriza-se como um tipo especial de noticiário que tem como substância de conteúdo informações sobre acontecimentos políticos, sociais, culturais, administrativos e outros, cujo âmbito pode ser local, nacional ou mundial. As informações sobre esses acontecimentos passam a fazer parte da pauta desse tipo de programa quando alcançam o status de noticiáveis, isto é, quando respondem aos critérios de noticiabilidade (SILVA, 2014), ou seja, aos parâmetros que evidenciam a relevância do assunto para a compreensão do cotidiano. A partir desse julgamento, a informação é transformada em notícia, recebendo um tratamento discursivo e expressivo de caráter estratégico que, muitas vezes, extrai dos

fatos “toda sua explosividade” (MARCONDES FILHO, 2009), para então ser incorporada no texto dos telejornais.

Os critérios de seleção das informações a serem noticiadas estruturam-se, para Silva (2014), obedecendo a três diferentes níveis de noticiabilidade. O primeiro nível é a seleção dos fatos, ou seja, os atributos próprios ou características típicas dos acontecimentos reconhecidos por diferentes profissionais e veículos de imprensa como cabíveis de noticiabilidade. O segundo é o tratamento dos fatos, ou seja, a seleção hierárquica dos mais e menos importantes, levando em consideração fatores inseridos dentro da organização, como formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado, prazo de fechamento, infraestrutura e tecnologia, além da relação do repórter com as fontes e o público. E, por fim, o terceiro que concerne à visão dos fatos, ou seja, os fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público e imparcialidade.

De forma geral, o caráter desviante costuma predominar no relato dos acontecimentos selecionados para serem noticiados. A partir dessa triagem, as informações tornam-se matérias primas de um processo de enunciação e discursivização, que tem como resultado a construção de realidades discursivas com efeitos de verdade. No entanto, do ponto de vista semiótico, os telejornais, ao promoverem os acontecimentos enquanto os dizem e mostram, fazem emergir uma verdade que é tão somente discursiva. Assim, por mais real que possa parecer um relato, sempre fica subjacente a ele seu caráter de midiatização: “Afim, [...] O mundo se nos apresenta por todos os sentidos; no texto televisivo, somente algumas dessas propriedades são transpostas para a superfície artificial do vídeo [...]” (DUARTE, 2007, p. 9). O real, no texto televisivo, mostra-se fragmentado: é o que fica enquadrado, é o movimento das câmeras, é o trabalho de edição que determinam o que e como os acontecimentos vão ser mostrados. Nessa perspectiva, está-se diante de uma realidade discursiva que, embora contenha índices do real empírico, nunca será fidedignamente igual a ele.

Fragmento, para Calabrese (1987), é o resultado de um processo de ruptura, em que ficam pressupostos “o sujeito do romper-se e o seu objeto” (CALABRESE, 1987, p. 88). Assim, o fragmento, embora fazendo parte de um inteiro anterior, não contempla a presença dele, deixando-se ver pelo observador tal como é, na sua integridade, e não, como fruto de uma ação de um sujeito. Logo, a realidade televisiva, enquanto fragmentação do real empírico do mundo, expõe o telespectador a um discurso construído pelo telejornal, sem

evidenciar, em sua narrativa, as rupturas promovidas pelos sujeitos da enunciação durante essa construção. Dentre os diferentes níveis de fragmentação do real praticados no texto do telejornal, podem-se considerar: a seleção dos temas que serão, ou não, abordados; a definição dos sujeitos que vão compor a narrativa; a edição das declarações proferidas por esses sujeitos; os enquadramentos; a seleção das imagens a serem veiculadas; e, também, a decisão de reiterar determinados acontecimentos ao longo da programação em detrimento de tantos outros ignorados.

3 Caracterização dos telejornais da TV Globo

Neste trabalho, foram selecionadas para comporem o corpus, notícias sobre dois acontecimentos distintos veiculadas nas edições de cinco telejornais da TV Globo – Hora 1 da Notícia (H1), Bom Dia Brasil (BDB), Jornal Hoje (JH), Jornal Nacional (JN), e Jornal da Globo (JG) – no período de tempo de 24 horas. O elevado prestígio e audiência dessa empresa de comunicação, já abordados anteriormente, foram considerados na escolha da emissora. Já os telejornais foram selecionados por serem exibidos diariamente, em cadeia nacional. Cada um desses programas, devido ao horário em que é veiculado, destina-se a um público determinado, isto é, formula, segundo Jost (2004), uma promessa diferenciada ao telespectador e adota um formato com ele compatível, que o identifica e distingue dos demais. Na sequência, são analisadas as características próprias de cada um desses formatos.

O telejornal H1 estreou na grade de programação da TV Globo em dezembro de 2014, sendo produzido no estúdio da emissora em São Paulo e exibido, inicialmente, de segunda a sexta-feira das 5h às 6h da manhã. Em 2018, o telejornal ganhou mais tempo, duas horas de produção, passando a ser exibido das 4h às 6h da manhã. O programa adota uma linha editorial de prestação de serviços com a veiculação de informações sobre os principais acontecimentos do dia anterior, economia, esportes, clima, trânsito, manchetes dos principais jornais impressos, além do agendamento das ocorrências previstas para o dia que está iniciando (HORA UM, c2013).

No período analisado por esta pesquisa, o H1 estruturava-se em três blocos, iniciando pela apresentação da vinheta de abertura em cores amareladas, uma referência ao amanhecer, à qual se sobrepunha a marca do telejornal, inscrita em uma bola amarela, representando o sol. Na sequência, era exibida uma escalada com o resumo dos principais

assuntos a serem abordados na edição, ilustrados com imagens captadas no dia anterior. Logo, acontecia a aparição da âncora, a jornalista Monalisa Perrone, que, após declinar o dia e o horário da emissão, enunciava a apresentação das notícias, alternadas com comentários em tom de seriedade e descontração. O formato tradicional adotado, semelhante a outros telejornais, só era rompido quando, aproximadamente aos 30 e 45 minutos da emissão, era apresentado um resumo das notícias já veiculadas anteriormente. Tratava-se de uma inovação em relação ao modelo tradicional de telejornal, em que os temas são esgotados em uma única exibição. O resumo das notícias atendia ao fato de que o telejornal, em função do horário que ocupa na grade de programação, não é assistido pela maioria dos telespectadores na íntegra. Assim, quem só ligava a televisão a partir das 5h30min, ficava sabendo sobre o que havia sido exibido antes.

Cabe destacar a atuação de Monalisa Perrone enquanto âncora do H1. A apresentadora tinha 48 anos, cabelos castanhos em comprimento médio, vestindo-se sempre com elegância, e, até mesmo, com certa ousadia, já que por vezes seus figurinos fugiam do padrão tradicional adotado comumente pelos apresentadores de telejornais. A ancoragem do programa era impregnada de um tom de leveza, como se Monalisa estivesse sempre conversando diretamente com o telespectador. O programa claramente se destina a uma audiência que começa sua jornada diária bastante cedo, ou às pessoas que terminam sua jornada diária bastante tarde.

O telejornal BDB estreou na grade de programação da TV Globo em janeiro de 1983, sendo produzido no estúdio da emissora no Rio de Janeiro e exibido das 7h30min às 8h45min da manhã, de segunda a sexta-feira. O programa adota uma linha editorial que prioriza a veiculação de temas sociais, políticos e econômicos, com a participação de comentaristas, e espaços dedicados à prestação de serviços, além da veiculação de informações sobre clima e o agendamento dos principais acontecimentos previstos para o dia que está iniciando (BOM DIA BRASIL, c2013).

No período analisado por esta pesquisa, o BDB era dividido em seis blocos, sendo o primeiro deles o de maior duração, com cerca de 30 minutos. O programa iniciava com a exibição da escalada com as manchetes daquela edição, apresentando, na sequência, a vinheta de abertura em cores predominantemente azuladas e amareladas, fazendo referência ao amanhecer, e conformando graficamente as palavras “bom dia” sobre o globo terrestre. O telejornal veiculava reportagens gravadas, comentários, participações de correspondentes e entradas ao vivo de repórteres. Os apresentadores movimentavam-se

entre os espaços que compõem o estúdio: a bancada, o telão e a sala. Ao final de cada bloco, os âncoras enunciavam, além dos destaques dos blocos seguintes, uma marcação temporal, com a hora de Brasília sendo exibida no canto direito da tela. Ao final de cada edição, o telejornal encerrava em um tom de leveza: os correspondentes internacionais e apresentadores de outros estados apareciam, em uma superposição de telas, fazendo seus últimos comentários e desejando um bom dia aos telespectadores.

Cabe destacar a atuação de Chico Pinheiro e Ana Paula Araújo enquanto âncoras do BDB. Chico tinha 64 anos, cabelos curtos grisalhos, vestindo-se sempre com elegância, usando terno e gravata. A sua maneira de ancoragem do programa era impregnada de certo tom de informalidade, como se Chico estivesse conversando diretamente com o telespectador. Além disso, o âncora fazia comentários sobre diferentes matérias e era o autor de bordões como o enunciado todas as sextas-feiras no final da edição: “graças a Deus hoje é sexta-feira, é vida que segue!”. Ana Paula tinha 45 anos, cabelos de comprimento médio e da cor castanho escuro, vestindo-se sempre com elegância, normalmente usando saia, camisa e salto alto. A sua maneira de ancoragem do programa era impregnada de um tom de seriedade, fazendo, por diversas vezes, comentários críticos sobre diferentes matérias.

O telejornal JH estreou na grade de programação da TV Globo em abril de 1971, sendo produzido em São Paulo e exibido das 13h20min às 14h, de segunda a sábado. O programa adota uma linha editorial que prioriza os assuntos em se fazendo notícia no horário de sua exibição, por isso conta com muitas participações ao vivo de repórteres e correspondentes. Além disso, veicula reportagens sobre os acontecimentos da manhã, sejam eles sociais, políticos, econômicos ou culturais, incluindo as informações sobre o clima (JORNAL HOJE, c2013).

No período analisado por esta pesquisa, o JH estruturava-se em três blocos, e, normalmente, era apresentado por uma ou duas pessoas. O telejornal iniciava pela exibição da escalada, quando, da bancada, os âncoras enunciavam os principais destaques daquela edição. As manchetes eram acompanhadas por imagens dos acontecimentos e também pela trilha sonora do programa. Na sequência, ocorria a veiculação da vinheta, um grafismo elaborado em referência aos seis monitores que se movimentam no estúdio, culminando na formação da letra “H” com o mapa do mundo ao fundo. Os três blocos do JH apresentavam a mesma estrutura: os apresentadores moviam-se no estúdio, levantando para conversar com

repórteres e correspondentes internacionais no telão, ao vivo, e/ou da bancada anunciavam as notícias.

Cabe destacar a atuação de Sandra Annenberg e Dony de Nuccio enquanto âncoras do JH. Sandra tinha 49 anos, cabelos pretos curtos, vestindo-se sempre com elegância, normalmente usando calça e camisa. A sua maneira de ancoragem do programa era impregnada de um tom de informalidade, como se Sandra estivesse conversando diretamente com o telespectador. Além disso, a âncora fazia comentários sobre diferentes matérias e costumava parecer bastante simpática e sorridente, principalmente na veiculação de notícias com temática leve. Dony de Nuccio tinha 33 anos, cabelos curtos pretos, vestindo-se sempre com elegância, usando terno e gravata. A sua maneira de ancoragem do programa era impregnada de um tom de seriedade, quase não fazendo comentários críticos e dotando sua fala de uma pretensa objetividade.

O telejornal JN estreou na grade de programação da TV Globo em setembro de 1969, sendo produzido no Rio de Janeiro e exibido de segunda a sábado das 20h30min às 21h15min. O programa adota uma linha editorial hard news, veiculando, prioritariamente, as notícias referentes aos acontecimentos mais relevantes à população brasileira em geral. Além disso, destina importante espaço ao noticiário internacional, às informações sobre o clima e às informações sobre o esporte (JORNAL NACIONAL, c2013).

No período em que a análise foi realizada, o JN estruturava-se em quatro blocos: o primeiro, com maior duração, tinha 20 minutos. O programa iniciava pela exibição da escalada, quando, da bancada, os âncoras enunciavam os principais destaques daquela edição. A enunciação das manchetes se dava de forma alternada entre os apresentadores e vinha acompanhada pela exibição de imagens dos acontecimentos, trechos de entrevistas e a trilha sonora. Na sequência, ocorria a veiculação da vinheta: um grafismo em referência ao mapa do mundo que culminava na formação, em primeiro plano, das letras “JN”. O telejornal seguia com a apresentação de reportagens, entradas ao vivo de repórteres e informações da previsão do tempo. Os outros blocos do JN adotavam a mesma estrutura do primeiro. Os âncoras movimentavam-se no estúdio, levantando para conversar com repórteres e correspondentes internacionais no telão e da bancada anunciavam reportagens. O cenário chamava a atenção pelo tamanho das telas: em entradas ao vivo de repórteres, o tamanho do âncora era o mesmo que o do repórter no telão. Esse recurso ainda é usado diariamente no quadro de previsão do tempo em que, pela proporção empregada, a apresentadora Maria Júlia Coutinho parece fazer parte da primeira tela, juntamente com os âncoras. Esse efeito

visual provoca um sentido de presença, como se os atores discursivos, que estão em lugares distintos, dividissem o mesmo espaço.

Cabe destacar a atuação de William Bonner e Renata Vasconcellos enquanto âncoras do JN. William Bonner tinha 54 anos, cabelos curtos levemente grisalhos, vestindo-se sempre com elegância, usando terno e gravata. Bonner é âncora do JN desde 1996 e sua maneira de condução do programa sofreu alterações ao longo desses mais de 20 anos. Atualmente, o apresentador articula, além do tom de seriedade já tradicionalmente adotado, um outro, o de informalidade, na tentativa de suavizar a enunciação. Nos últimos anos, a realização de comentários sobre diferentes matérias também tem se tornado mais comum. Renata Vasconcellos tinha 45 anos, cabelos pretos de comprimento médio, vestindo-se sempre com elegância, normalmente usando saia, camisa e sapatos de salto alto. A sua maneira de ancoragem do programa é impregnada de um tom de seriedade, quase não fazendo comentários críticos e dotando sua fala de uma pretensa objetividade, porém com certa simpatia.

O JG estreou na grade de programação da TV Globo em abril de 1979, sendo produzido em São Paulo e exibido de segunda a sexta-feira, em horário variável, normalmente depois da meia noite. O programa adota uma linha editorial que prioriza assuntos políticos e econômicos, incluindo a veiculação de análises de especialistas e comentaristas. O telejornal dedica espaço especial ao noticiário internacional, cultural e esportivo (JORNAL DA GLOBO, c2013).

No período analisado, o programa começava com um pequeno comentário da âncora sobre o principal assunto do dia e, na sequência, exibia a escalada com outras manchetes da edição. A abertura culminava com a exibição da vinheta, em tons de azul, com a formação gráfica da palavra “Globo”. O telejornal tinha cinco blocos e duração média de 45 minutos. Os telões do cenário eram utilizados não só para a veiculação de informações gráficas que auxiliavam na explicação das notícias, como também para a interação com repórteres, comentaristas e correspondentes. A âncora movimentava-se pelo cenário, enunciando os assuntos ora sentada, ora em pé. O JG também reservava espaço para um quadro fixo de opinião apresentado por Arnaldo Jabor. Cada bloco terminava com a referência aos destaques do bloco seguinte, e todos os blocos seguiam basicamente a mesma estrutura com a exibição de notícias do esporte, cultura, além das informações sobre política e economia. O tom adotado era o de seriedade, formalidade, e ironia, abrindo espaço para o aprofundamento das análises e opiniões.

Cabe destacar, ainda, as alterações ocorridas na ancoragem do JG no ano de 2017. Até novembro, o telejornal era ancorado por William Waack, jornalista, de 65 anos, cabelos grisalhos, usando sempre terno e gravata e dotando a condução do programa de um tom de seriedade, porém emitindo diversos comentários críticos e análises, principalmente quando da veiculação de matérias sobre a temática política e econômica. Porém, após a divulgação de um vídeo, nas redes sociais, em que Waack aparece proferindo uma frase racista, o apresentador foi demitido da TV Globo e substituído pela jornalista Renata Lo Prete.

Há que se fazer menção à forma de encerramento dos cinco formatos analisados por esta pesquisa: em todas as edições, os âncoras informavam o horário do próximo telejornal na grade de programação e ressaltavam, ainda, que os conteúdos dos programas são disponibilizados, na íntegra, na plataforma *Globoplay*.

4 Processo de reconfiguração de notícias

Foram analisadas neste trabalho as notícias veiculadas nos cinco telejornais da TV Globo já descritos, no período de 24 horas. Essas notícias falam de dois acontecimentos distintos: (1) Militares do exército deixam a favela da Rocinha no Rio de Janeiro, relatado em seis notícias veiculadas nas edições dos telejornais JG de 28 de setembro de 2017, H1 de 29 de setembro de 2017, BDB de 29 de setembro de 2017, JH de 29 de setembro de 2017 e JN de 29 de setembro de 2017; e (2) Palocci divulga carta pedindo desfiliação do PT, relatado em cinco notícias veiculadas nas edições dos telejornais JN de 26 de setembro de 2017, JG de 26 de setembro de 2017, H1 de 27 de setembro de 2017, BDB de 27 de setembro de 2017 e JH de 27 de setembro de 2017.

A saída dos militares da favela da Rocinha, acontecimento objeto de seis notícias analisadas, trata-se de uma ocorrência da ordem da previsibilidade: a retirada, anunciada pelo Ministério da Defesa, de quase mil militares do exército da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, comunidade que estava sofrendo com a insegurança provocada por uma guerra entre facções rivais pelo domínio do tráfico de drogas no local. A ocupação da favela pelos militares, iniciada sete dias antes, foi encerrada na madrugada do dia 29 de setembro de 2017, entrando na pauta da edição do telejornal JG de 28 de setembro de 2017, e nas edições dos telejornais H1 (com duas veiculações), BDB, JH e JN no dia 29 de setembro de 2017.

Os seis textos das notícias referentes a esse acontecimento foram apresentados sob a forma de quatro reportagens e duas entradas ao vivo. A alta relevância conferida à matéria

pode ser observada pela duração total do tempo – aproximadamente 20 minutos –, dedicado à sua veiculação nas edições analisadas.

Mesmo que os atores políticos envolvidos nas ações de segurança na Rocinha tentassem reforçar em seus pronunciamentos um sentido de retorno à normalidade, somente possível depois da ação das Forças Armadas na comunidade, as narrativas veiculadas pela TV Globo mostraram o acionamento de dispositivos discursivos por parte da instância de produção que colocaram em questão o sentido de segurança. São exemplos disso: a utilização de coletes à prova de balas pelos repórteres que realizaram a cobertura jornalística; o relato de que tiroteios continuavam sendo registrados ao longo das madrugadas; e o destaque ao fato de que os traficantes mais perigosos continuavam soltos. Dessa maneira, a TV Globo, enquanto instância enunciativa maior, conferiu contornos ao seu próprio posicionamento no que concerne ao tema, demonstrando sua contrariedade em relação à suposta segurança estabelecida na favela da Rocinha, o que, de acordo com o discurso oficial, permitiria a saída das Forças Armadas da comunidade com o pretenso restabelecimento da normalidade na rotina dos moradores.

Nas seis notícias sobre esse acontecimento, detectou-se uma *complexificação dos dispositivos discursivos* acionados nos textos ao longo da cadeia sintagmática que vai da primeira à última veiculação. Essa constatação é possível quando comparadas as seis conformações das notícias. A crescente variedade de atores e de espaços, possibilitada pelo acréscimo de novas entrevistas, e a recorrência a articulações temporais diversas na composição dos relatos demonstram um ganho de status desse acontecimento na programação da emissora, configurando-o enquanto objeto de uma cobertura jornalística com suítes da ocorrência principal. A multiplicidade de atores chegou ao ápice na última reportagem analisada, veiculada pelo JN de 29 de setembro de 2017, quando a reportagem foi composta com nove entrevistas diferentes, relatos de vítimas da violência, de moradores da favela e de lideranças políticas e jurídicas, conferindo uma pluralidade de pontos de vista e encaminhando o sentido do texto para a necessidade de mais intervenções do Estado na favela da Rocinha.

Assim, a repetição do relato deste acontecimento, na análise das notícias, ocorre a partir de duas operações narrativas:

- a) a reprise/reapresentação, tal e qual, da notícia sobre o acontecimento já veiculada em edição anterior. Essa operação foi constatada, no caso aqui analisado, entre os telejornais JG e H1, em que a reportagem exibida na edição

de 29 de setembro de 2017 do H1 sobre a saída dos militares da favela da Rocinha foi a mesma veiculada no telejornal anterior, o JG de 28 de setembro de 2017;

- b) o acréscimo, através da justaposição de desdobramentos do acontecimento principal noticiado, o que implica uma linha crescente no desenvolvimento dos dispositivos discursivos/expressivos – principalmente os de actorialização, espacialização e temporalização –, justificada pela descoberta de novos fatos relacionados ao acontecimento principal que, então, vão sendo acrescentados de uma narrativa para as seguintes, o que pôde ser verificado através da comparação das notícias veiculadas na cadeia sintagmática desde o H1 de 29 de setembro de 2017 até o JN do mesmo dia.

Cabe ressaltar que a reprise/reapresentação implica tão somente a troca dos âncoras, embora as reportagens sejam as mesmas exibidas em outra edição de telejornal.

Já a carta divulgada por Palocci pedindo sua desfiliação do PT, acontecimento objeto de cinco notícias aqui analisadas, trata-se de uma ocorrência da ordem da imprevisibilidade: a divulgação de uma carta por Antonio Palocci, ex-ministro da Defesa e da Casa Civil do governo Lula e preso por corrupção e lavagem de dinheiro pela Operação Lava-Jato, na qual pede sua desfiliação do Partido dos Trabalhadores (PT). A motivação para esse pedido de desfiliação foi o processo de expulsão movido pelo PT contra Palocci, depois dele tentar negociar uma delação premiada com os promotores do Ministério Público Federal atuantes na Operação Lava Jato. A carta, divulgada no dia 26 de setembro de 2017, entrou na pauta das edições dos telejornais JN e JG de 26 de setembro de 2017 e H1, BDB e JH de 27 de setembro de 2017.

Os cinco textos das notícias referentes à carta de Palocci foram apresentados sob a forma de quatro reportagens e uma nota coberta. A alta relevância conferida à matéria pode ser observada pela duração total do tempo – aproximadamente 24 minutos –, dedicado à veiculação das notícias nas edições dos cinco telejornais aqui analisados.

As notícias apresentaram, em suas conformações, o conteúdo da carta assinada por Palocci e endereçada à direção nacional do PT, contendo, além de seu pedido de desfiliação, uma série de relatos acusatórios contra o ex-presidente Lula sobre seu envolvimento em casos de corrupção. Cabe considerar que a emissora, nas reportagens e na nota coberta em análise, limitou-se a apresentar a disputa retórica entre os atores supostamente envolvidos

nos casos de corrupção relatados, transformando a carta – com o auxílio da arte gráfica – em um espaço na narrativa, destacando alguns trechos do que nela estava escrito, não acrescentando as narrativas com outras provas ou atores que pudessem confirmar, ou não, a veracidade dos acontecimentos referidos, isto é, abstendo-se de emitir seu posicionamento e reduzindo a matéria à apresentação de argumentos e contra-argumentos, sem um resultado final.

Assim, apesar do tempo total destinado à cobertura deste acontecimento ser quatro minutos maior do que o destinado à cobertura do fato anteriormente analisado, detectou-se uma estabilização dos dispositivos discursivos acionados nos textos das notícias ao longo da cadeia sintagmática que vai da primeira à última veiculação. Em todas as conformações narrativas sobre a carta de Palocci aqui analisadas, a instância de produção limitou-se a destacar os mesmos trechos da carta, assim como os mesmos trechos das declarações de Lula, Dilma e do PT. Essa constatação é possível quando comparadas as cinco conformações dos textos das notícias. A linha contínua atesta uma manutenção do status de noticiável desse acontecimento mesmo que, de uma edição para outra, observe-se um distanciamento do horário da divulgação da carta em relação àquele de exibição de cada um dos telejornais analisados, demonstrando, assim, o esforço da TV Globo em publicizar o assunto em todos os seus telejornais sem suítes, ou seja, sem acrescentar desdobramentos ao acontecimento principal.

Dessa maneira, a repetição, na análise das notícias sobre a carta de Palocci pedindo a desfiliação do PT, ocorre a partir de duas operações narrativas:

- a) o mero rearranjo do material já produzido e esgotado em sua primeira veiculação, o que implica uma rearticulação dos dispositivos discursivos/expressivos – principalmente os de actorialização, espacialização e temporalização – para que a notícia pareça diferente das demais sobre o mesmo assunto;
- b) a reprise/reapresentação, tal e qual, da notícia sobre o assunto já veiculada em edição anterior.

Como já se referiu, esta última – reprise/reapresentação – implica tão somente a troca dos âncoras, embora as reportagens sejam as mesmas. A ocorrência dessa operação foi identificada, novamente, nos telejornais JG e H1, comprovando o vínculo estabelecido entre a reapresentação da notícia e o horário de exibição desses dois telejornais, baseado na

crença de que haja uma renovação natural da audiência, ou seja, de que os telespectadores que assistiram ao JG não estarão em frente à televisão no horário do H1. A constatação desta operação ocorre tanto nas notícias sobre a saída dos militares da favela da Rocinha quanto nas referentes à carta de Palocci pedindo a desfiliação do PT.

Dessa forma, através do percurso teórico metodológico aqui adotado e das análises das notícias sobre dois diferentes acontecimentos, reiteradas em cinco edições de telejornais da TV Globo no período de 24 horas, é possível apontar a utilização de, pelo menos, três operações narrativas na reconfiguração de notícias sobre mesmos acontecimentos:

- a) complexificação dos dispositivos discursivos, ou seja, o acréscimo, através da justaposição de desdobramentos do acontecimento principal noticiado, o que implica uma linha crescente no desenvolvimento dos dispositivos discursivos/expressivos – principalmente os de actorialização, espacialização e temporalização;
- b) estabilização dos dispositivos discursivos, ou seja, o mero rearranjo do material já produzido e esgotado em sua primeira veiculação, o que implica uma rearticulação dos dispositivos discursivos/expressivos para que a notícia pareça diferente das demais sobre o mesmo assunto;
- c) reprise/reapresentação, ou seja, a repetição, tal e qual, da notícia sobre o assunto já veiculada em edição anterior.

Cabe destacar que este resultado considera a análise de notícias repetidas em todas as edições dos cinco telejornais veiculados pela TV Globo no período de 24 horas. Nos casos de notícias repetidas em apenas algumas edições ao longo de um dia, a dinâmica de reconfiguração das notícias é bastante diferente.

5 Conclusões

A reapresentação/reconfiguração dos textos das notícias sobre os mesmos acontecimentos, de uma edição para outra dos telejornais, tornou-se uma prática comum adotada pelas emissoras de televisão brasileiras, em especial pela TV Globo. Essa repetição, levada à exaustão mesmo que o acontecimento já tenha se esgotado, deve-se a diferentes razões: a principal delas diz respeito à pretensão de veiculação de uma programação

padronizada, em escala nacional, transmitida a todos os cantos do país via sinais de micro-ondas e satélites, tendo sido esse o motivo da criação de uma *agenda nacional* de acontecimentos, selecionados pelas emissoras por serem julgados relevantes para todos os brasileiros, e, por isso, transformados em notícias e reiterados em diferentes edições de telejornais. Cabe destacar que essa *agenda de notícias* não é estática, ela movimenta-se e varia de acordo com o tempo social vivenciado e com a excitação provocada por determinados acontecimentos (CALABRESE, 1987). Ora, essa estratégia editorial, lançada oficialmente pelo JN em 1969, foi, à época, amplamente publicizada por representar um benefício à integração nacional, sonhada pelo governo militar (REZENDE, 2010). Somente essa aspiração de estabelecimento de uma pauta nacional já abriu, sozinha, o caminho rumo à ampla repetição de notícias pelos diversos telejornais distribuídos na grade de programação das emissoras, especialmente na da TV Globo.

Aliás, corrobora essa pretensão o modelo de negócio adotado pela televisão brasileira, estritamente comercial, em que as empresas privadas, que têm por objetivo o lucro, administram, muitas vezes reduzindo, os custos de produção. Acrescente-se a esses fatores o entendimento por parte da televisão – amparado por diversas pesquisas sobre os hábitos de consumo televisual – de que os telespectadores, por terem outros compromissos em suas rotinas diárias, não assistem a todos os telejornais, o que justificaria a repetição dos principais assuntos em diferentes edições de um mesmo dia, sem, necessariamente, investir em uma maior força de produção.

A necessidade de otimização de recursos, seja de equipamentos, profissionais, meios de transporte, etc., para a produção de notícias, estimula o estabelecimento da prática da reconfiguração dos mesmos materiais, às vezes captados *in loco*, em uma única ocasião, pela equipe de reportagem, para posteriormente serem conformados de diversas maneiras e veiculados em mais de um telejornal. Essa reutilização de imagens, sonoras, passagens em novas configurações de notícias, ou, até mesmo, a mera repetição da mesma conformação em mais de um telejornal acentua, no telespectador, a sensação de estar assistindo sempre à mesma notícia. Agregue-se a isso a velocidade com a qual as notícias precisam ser produzidas, já que poucas horas distanciam uma emissão da outra, e, assim, a exibição de um telejornal com matérias absolutamente *novas* vai se tornando uma intenção cada vez mais difícil de ser alcançada.

Além disso, é possível verificar uma relação entre a repetição de notícias pela televisão e a publicação de notícias em páginas na internet. A reiteração de notícias sobre

determinados acontecimentos por parte dos telejornais, seja com o intuito de atualizá-los ou apenas de lembrar o telespectador sobre sua existência, parece estar vinculada à necessidade de oferecer as principais notícias quase em tempo integral, como o faz a internet. Ao acessar um portal de notícias via computador, a qualquer momento o usuário pode consumir textos sobre as notícias consideradas mais importantes. Competir com essa livre oferta é um dos desafios atuais da televisão e as consequências dessa prática são sentidas pelos telespectadores mais assíduos, que acabam por assistir sempre às mesmas narrativas.

A estética da repetição (CALABRESE, 1987), representada pela adoção, por parte dos telejornais, de formatos que se constituem em variações sobre idêntico, apresentando narrativas que conformam o texto das notícias de forma estruturalmente bastante semelhantes, nas quais os atores, por mais variados que sejam, desempenham sempre as mesmas funções, corrobora essa sensação de repetição já provocada pelas próprias notícias. No entanto, é preciso admitir que a permanente variação na veiculação de notícias seria de difícil absorção por parte dos telespectadores que, normalmente, dividem a atenção entre a programação exibida pela televisão e outras atividades. Assim, para que a repetição não seja tão exaustiva, há que se chegar a um ponto de equilíbrio entre a novidade e a repetição.

Referências

BACKES, V. C. **Telejornalismo: diferentes reconfigurações da notícia**. 2018. 203 f. Dissertação (mestrado em Comunicação Midiática) - Programa de Pós Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

BOM DIA BRASIL. Focado no noticiário político e econômico, com entrevistas e análises de comentaristas. **Memória Globo**. [s.l.], c2013. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/bom-dia-brasil.htm#> Acesso em 06 maio 2018.

CALABRESE, O. **A idade neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1987.

DUARTE, E. B. Telejornais: dos tons referentes ao subgênero e formato àquele próprio da produção local. *In*: SILVEIRA, A. C. M.; BARICHELLO, E. M. R.; FOSSÁ, M. I. T.; LISBOA FILHO, F.. (org.). **Identidades midiáticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2012, p. 57-81.

DUARTE, E. B. Telejornais: incidências do tempo sobre o tom. *In*: Duarte, E. B.; CASTRO, M. L. D. de (org). **Comunicação audiovisual: gêneros e formatos**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

DUARTE, E. B.; CASTRO, M. L. D. de. Produção midiática: o ir e vir entre teoria, metodologia e análise. *In*: BARICHELO, E. M. M. R; RUBLESCKI, A. S. **Pesquisa em comunicação: olhares e abordagens**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2014, p. 67-87.

FECHINE, Y. **Televisão e Presença: semiótica da transmissão direta**. São Paulo: Estação de Letras e Cores, 2008.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. 2. ed.. São Paulo: Contexto, 2016.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HORA UM. Com uma linguagem leve e informal, o telejornal informa as primeiras notícias do Brasil e do mundo para um público que acorda cedo. **Memória Globo**. [s.l.], c2013. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/hora-um-da-noticia.htm>. Acesso em 06 maio 2018.

JORNAL DA GLOBO. O Jornal da Globo traz para os espectadores as notícias da noites e também análises, críticas e opiniões sobre os principais assuntos do dia. **Memória Globo**. [s.l.], c2013. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-da-globo-1979-no-ar.htm>. Acesso em: 06 maio 2018.

JORNAL HOJE. Culinária, arte, comportamento, moda, cidadania, defesa do consumidor e diversos outros assuntos fazem parte do noticiário, apresentado com uma linguagem leve e informal. **Memória Globo**. [s.l.], c2013. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-hoje.htm>. Acesso em: 06 maio 2018.

JORNAL NACIONAL. Primeiro telejornal do Brasil a ser transmitido em rede, o JN conquistou a preferência do público e se firmou como um dos mais respeitáveis do país. **Memória Globo**. [s.l.], c2013. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>. Acesso em: 06 maio 2018.

JOST, F. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MARCONDES FILHO, C. **Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria**. São Paulo: Paulus, 2009.

REZENDE, G. J. de. 60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas. *In*: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.
SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (Brasil). **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016: relatório final**. Brasília: Ibope, 2016. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e>

qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view. Acesso em: 20 maio 2017.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P. da; FERNANDES, M. L. (org.). **Critérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

TV Journalism: strategies for reconfiguring the same news

Abstract

Throughout the day, different TV news programs from TV Globo broadcast news about the same events insistently and exhaustively. Basically, for an assiduous audience, this repetition of subjects all day long may have its need questioned and become quite tiresome. Thus, this paper proposes to examine the process of reconfiguring news about the same events, transmitted in five TV newscasts of the TV Globo during 24 hours. It is interesting, in particular, to analyze the mode of operation of the discursive devices of thematization, figurativization, actoralization, spatialization, timing and toning in the process of framing the news in two different events transmitted in five TV newscasts of TV Globo – Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional and Jornal da Globo – in a 24-hour period, verifying in particular the manipulation of discursive devices with the purpose to check the sense of actuality of the subjects conveyed repeatedly on TV. The theory-methodology organization substantiates a discursive semiotics inspired by European Semiotics principles based on Saussure (2012), Hjelmslev (2013), and Greimas and Courtés (2016), as well as other researchers whose studies are about the televisual production. The results obtained in this investigation reveal the existence of at least three processes of reconfiguration of the discursive elements in the conformation of news about the same events: (1) the complexification of the discursive devices; (2) stabilization of the discursive devices and (3) reprise / representation of the same discursive conformations.

Keywords

Semiotics. TV journalism. Repetition of news.

Recebido em 06/04/2019

Aceito em 11/05/2019

Copyright (c) 2020 Vanessa Cristina Backes, Elizabeth Bastos Duarte. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

